

EDUCAÇÃO PANDÊMICA

***PARADIGMA
EDUCACIONAL
PÓS
PANDEMIA
DE COVID-19***

2019 - 2023

E-ZINE 2023.1



EDUCAÇÃO
PANDÊMICA

Paradigma educacional pós
pandemia de Covid-19

Índice

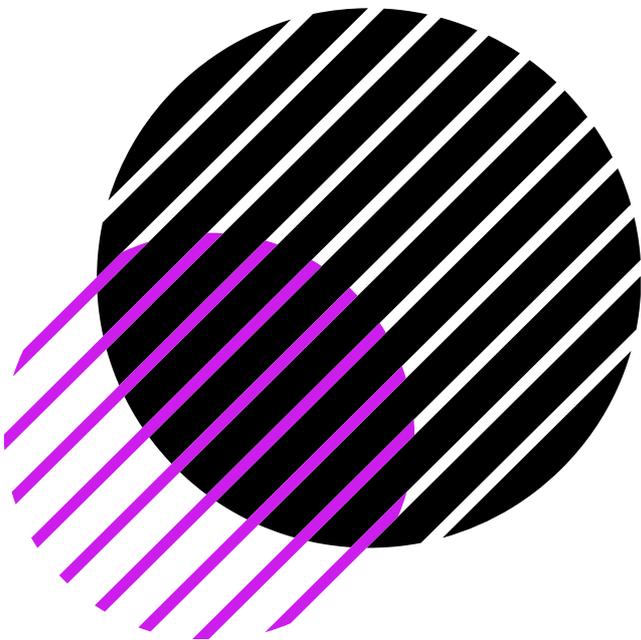
- Editorial
- Preconceito com EaD
- Realidade da educação brasileira
- Dados de pesquisas
- Entrevistas
- Pandemia em territórios indígenas
- Saúde mental
- *Homeschooling*

EDITORIAL

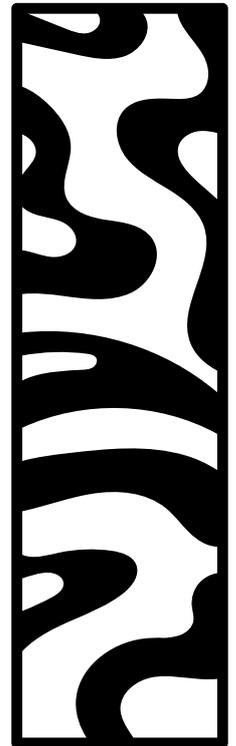
A e-zine "Educação pandêmica: Paradigma educacional pós pandemia de COVID-19" surge como uma resposta à complexidade do cenário educacional durante os anos de 2019 a 2022. Explorando as experiências de alunos, professores e comunidades indígenas, a publicação vai além de estatísticas, trazendo à tona histórias reais. O impacto nas escolas indígenas, desafios de saúde mental e a prática do homeschooling serão discutidos em profundidade. A e-zine busca conectar dados e vivências para construir uma visão abrangente do futuro educacional. É um convite ao leitor para embarcar nessa jornada de reflexão e descoberta, construindo um diálogo inclusivo sobre a educação pós-pandemia.

A REALIDADE DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

A educação no Brasil enfrenta diversos desafios, incluindo baixa remuneração de profissionais, estruturas escolares precárias, violência, alta taxa de abandono e reprovação, desvio de recursos públicos e alto analfabetismo. Esses problemas se somam a crises econômicas, sanitárias e políticas, onde representantes frequentemente priorizam interesses pessoais e partidários, prejudicando a população.



A pandemia de Covid-19 ampliou as dificuldades educacionais, obrigando estudantes a se ajustarem a um sistema inadequado. Fatores sociais e econômicos afetaram a aprendizagem, enquanto o isolamento social deixou os estudantes mais vulneráveis e com pouca orientação. Responsáveis muitas vezes não podem acompanhar de perto o desempenho escolar de seus filhos devido à falta de formação e tempo.



A REALIDADE DA EDUCAÇÃO BRASILEIRA

A cultura e a educação moldam o desenvolvimento de crianças e jovens. O acesso a diversas formas de arte, tecnologia e lugares amplia horizontes. A desigualdade é evidente, pois famílias com baixa escolaridade têm dificuldade em acessar esses recursos, refletindo-se na adaptação ao ensino remoto, que requer tecnologia e apoio familiar. Antes, o desafio era o transporte escolar, agora, é a falta de acesso à internet e equipamentos para a educação on-line.

A qualidade educacional exige incorporar a Cultura Digital nos currículos, porém muitas escolas não integram tecnologia de forma significativa. A pandemia agravou isso, demandando ensino remoto emergencial. Sem formação adequada, acesso universal à internet e conhecimento de ferramentas, o ensino a distância não garante aprendizado efetivo, nem reduz as desigualdades educacionais. O país deve superar tais problemas desde a infância até a universidade.

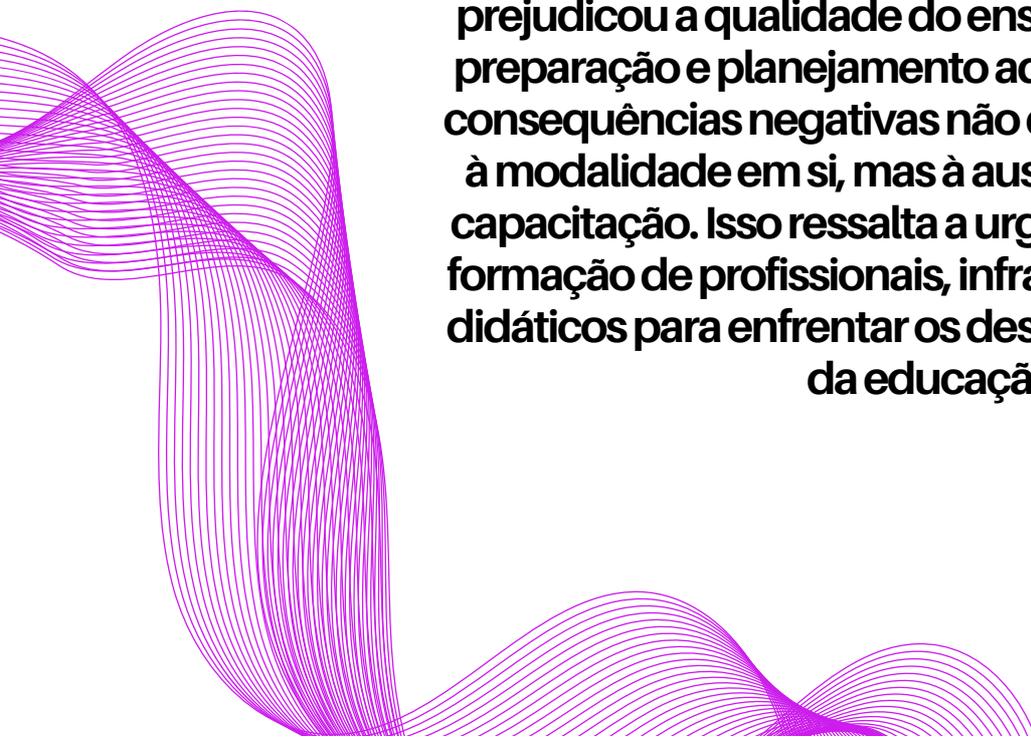


PRECONCEITO COM EAD

A pandemia eliminou as barreiras entre o ensino presencial e a educação a distância (EaD), levando a um questionamento crítico sobre essa separação e os preconceitos associados à EaD. Muitos, incluindo educadores e gestores, possuem preconceitos baseados em percepções e não em evidências científicas. A mudança forçada na educação destacou a necessidade de reavaliar essa separação e combater tais preconceitos.



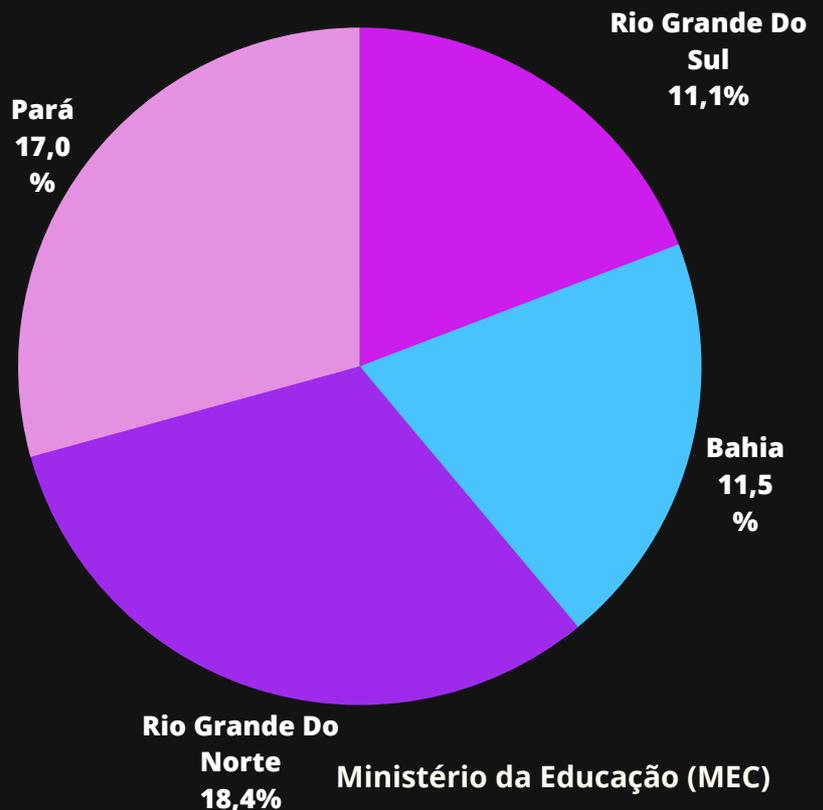
É indiscutível que a transição abrupta para a EaD prejudicou a qualidade do ensino devido à falta de preparação e planejamento adequados. Porém, as consequências negativas não devem ser atribuídas à modalidade em si, mas à ausência de recursos e capacitação. Isso ressalta a urgência de investir em formação de profissionais, infraestrutura e recursos didáticos para enfrentar os desafios atuais e futuros da educação.



DADOS DE PESQUISAS (IBGE, INEP E UNICEF)

Órgãos estatísticos do governo como IBGE, INEP, e MEC. Segundo o PNAD, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio no quarto trimestre de 2021, dos 72.900 domicílios no Brasil, 65.293 apresentavam aparelho celular e 65.620 possuíam acesso à internet.

Taxas de abandono escolar em 2021



Estes dados por si só não explicam as altas taxas de evasão escolar durante o ensino remoto. O abandono do ensino médio já era considerado elevado em 2019, tendo seu ápice em 2021 quando atingiu 5% segundo a 2ª etapa do Censo Escolar 2021, divulgado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, o INEP.

Domicílios com aparelhos com conexão à internet:
Total de domicílios: 72.900
Computador: 27.723
Celular: 65.293

Domicílios com acesso à internet banda larga:
Total de domicílios: 72.900
Com acesso: 65.620

Relato de um professor durante a EAD

Trabalhei como professor nos três anos de pico da pandemia. Em 2020 totalmente remoto, 1º semestre de 2021 remoto e 2º semestre presencial, 2022 presencial.

Acho que o que une esses dois momentos remoto/presencial, é o sentimento de angústia. Num primeiro momento pela falta de perspectiva.

A pergunta era "como vamos manter o aprendizado dessas crianças?", essa resposta não foi dada até hoje. A pandemia aconteceu logo após os cortes de verba na educação básica e do estabelecimento do teto de gastos, isso tornava impossível um investimento que possibilitasse os alunos terem acesso ao material ou as aulas, a realidade de 2020 no estado é terra arrasada, ano perdido, nada foi construído ali.

Posso falar que a desigualdade educacional aumentou, a grande maioria dos alunos do ensino médio, hoje nunca viram disciplinas básicas para a aprendizagem. Se antes falávamos que a escola formava mão de obra barata pro mercado, acredito que hoje não dá pra afirmar nem isso. A escola não forma nada, esses estudantes estão sendo inseridos num mercado num nível abaixo da precarização.

Relato de um professor durante a EAD

Em 2021 o cenário não muda, o modelo remoto é mantido com toda sua inviabilidade, e o processo de retomada é feito sem o mínimo de condições materiais. Como manter o distanciamento e uma baixa chance de contágio em uma sala onde nem as janelas abrem?

OUTRO ANO PERDIDO.

E em 2022, que é considerado de fato a retomada, foi feito de forma desorganizada e confusa. Os alunos estavam voltando, ao mesmo tempo o ensino estava mudando (ou pelo menos havia uma tentativa imposta para isso ocorrer). Novamente, sem condições básicas para que os dois caminhassem juntos.

Relato do Professor de história, José Paulino, da rede pública em São Carlos e do Cursinho Pré Vestibular da UFSCar

Indígenas e a Pandemia

Nas comunidades indígenas, há uma realidade pouco conhecida envolvendo as escolas situadas em seus territórios. Um dado alarmante revela que quase um terço dessas escolas, equivalente a cerca de 31%, carece de infraestrutura fornecida pelo governo. Além disso, estudos apontam que aproximadamente 33% dessas instituições enfrentam a ausência de materiais didáticos específicos para atender às necessidades de seus grupos étnicos.



À medida que o tempo avança, observa-se não somente a presença de escolas de ensino fundamental, mas também de instituições de ensino médio dentro das próprias comunidades indígenas. Esse progresso é evidenciado pelo fato de haver mais de 3 mil escolas indígenas no Brasil, representando um avanço notável nas políticas educacionais e indigenistas. Contudo, para manter esse avanço, é essencial contar com o apoio contínuo do Ministério da Educação, dos estados e dos municípios onde essas comunidades estão localizadas.

No contexto nacional, mais de 300 diferentes povos indígenas coexistem, cada um trazendo consigo suas próprias tradições culturais e abordagens educacionais singulares. Essa diversidade é um fator que desafia ainda mais a oferta de educação de qualidade. Um exemplo marcante é o ano de 2020, em plena pandemia de Covid-19, quando os desafios se intensificaram. Professores enfrentaram a tarefa de lecionar remotamente, enquanto os alunos, em meio à crise sanitária e muitas vezes com limitado acesso à internet e material didático, perseveravam em seu aprendizado.

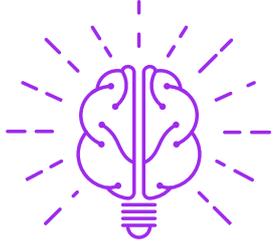
“Na educação prejudicou de forma presencial as aulas porque não podíamos mais ir pra sala de aula, não podíamos ter contato e foram criadas estratégias para não nos prejudicar mais no ensino. Tivemos que ter mais contato com a tecnologia, não foi uma experiência boa. O que piorou meu ensino era que eu estava entrando em período de estágio e não podia estar no meio físico escolar para concluir e por conta disso atrasou meu curso, porque só pude concluir as matérias que seriam de forma remota, pra mim foi uma experiência muito difícil de lidar”.

**Alessandro Inhape Povo Omágua Kambeba -
Amazonas Estudante de Licenciatura de Letras - UFAM**

Um pouco sobre a Pandemia em territórios indígenas

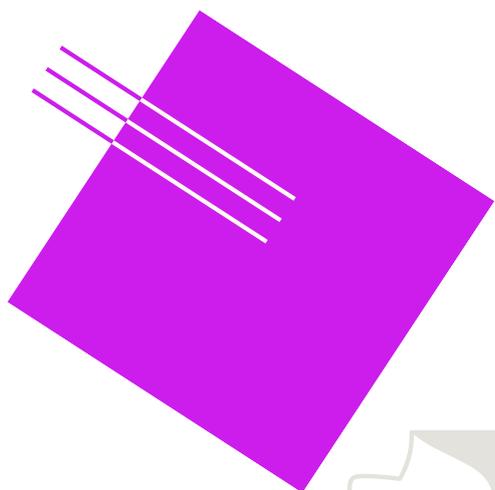
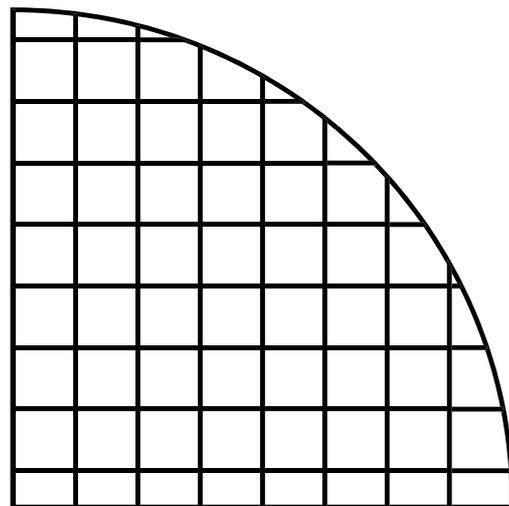
“Em 2020 eu dei aula pro 3º ano na EMPI Pau Brasil (Escola Municipal Pluridocente Indígena) onde eu tinha 17 alunos e meus alunos trabalhamos de forma remota mas revezamos por dias na escola e em outros momentos tinham que levar atividades para casa, depois quando agravou a pandemia, tivemos que trabalhar de forma remota pelo WhatsApp com os pais, às vezes eu ia nas casas de máscara e com álcool em gel para até mesmo orientar os pais como ensinar seus filhos nas atividades, foi um ano muito difícil, porque até os próprios pais tinham dificuldades de orientar seus filhos”.

**Janaina Rosa Povo Tupinikim -
Espírito Santo Educadora Indígena**



E A CABEÇA, COMO FICA?

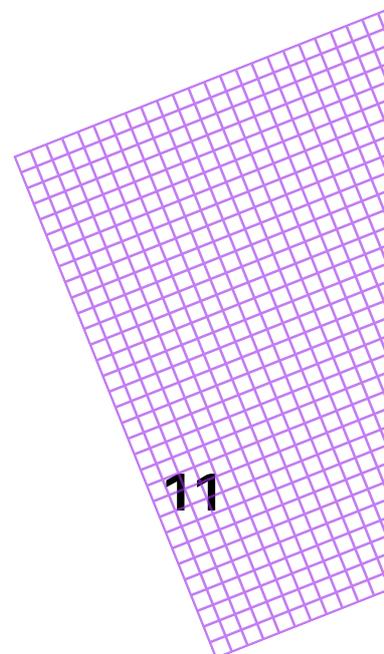
O fechamento das escolas devido à Covid-19 teve impactos significativos na saúde mental de alunos e professores. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), houve um aumento de cerca de 25% nos casos de ansiedade e depressão somente em 2020. O prolongado período de isolamento social, o medo da contaminação, a perda de entes queridos, a interrupção da rotina, a diminuição da atividade física e a sobrecarga resultante do ensino a distância (EAD) contribuíram para um ambiente emocionalmente desafiador.



Os alunos, em particular, tiveram que se ajustar rapidamente a novas formas de aprendizado, muitas vezes com pouca interação social com amigos e professores. ESSA ausência do contato pessoal, que enriquecia experiências acadêmicas. Esse desvio do ritmo escolar levou a um aumento da ansiedade, agitação e irritabilidade, especialmente em crianças mais jovens, resultando em comportamentos desafiadores.



A primeira infância, uma fase crucial para o desenvolvimento humano, foi profundamente afetada pelas mudanças sociais impostas pela pandemia. A escola não é apenas um local de aprendizado, mas também uma instituição vital para o convívio social e para o desenvolvimento cognitivo, emocional e social das crianças. No entanto, o fechamento das escolas comprometeu o ambiente de socialização, aprendizado e brincadeiras que é essencial para essa fase.





Para os professores, o ensino remoto impôs desafios técnicos e pedagógicos.

A adaptação rápida às aulas on-line, as notificações que chegavam em tempo integral, a pressão em manter os alunos engajados e garantir a qualidade do ensino a distância, o desafio de conciliar suas atividades profissionais com as demandas familiares, foram alguns fatores que levaram esses profissionais a um estado de esgotamento emocional E EXAUSTÃO.

AS PRINCIPAIS SEQUELAS DEIXADAS POR ESSE PERÍODO:

ANSIEDADE
DEPRESSÃO

TRANSTORNO OBSESSIVO-COMPULSIVO (TOC)

ESTRESSE PÓS-TRAUMÁTICO

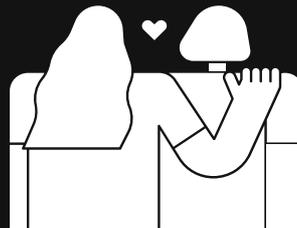
ATAQUES DE PÂNICO

FOBIA SOCIAL

SÍNDROME DO PÂNICO

SÍNDROME DE BURNOUT

BUSQUE AJUDA
ENTRE EM CONTATO
COM O CENTRO DE VALORIZAÇÃO DA VIDA (CVV)
LIGUE 188
OU CLIQUE NA IMAGEM



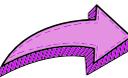
Homeschooling em discussão novamente...

Durante a Pandemia de covid-19, o conceito de "homeschooling" ganhou destaque nas discussões devido à suspensão das aulas presenciais, dando lugar a uma nova realidade marcada pelo isolamento social e pelas limitações das ferramentas tecnológicas.

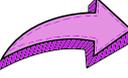
Alguns dos pontos negativos do Homeschooling:



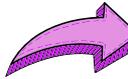
Defasagem na socialização das crianças



A ausência de exposição a diversas ideias e realidades



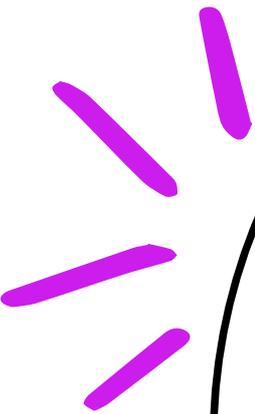
A falta de percepção de problemas sociais



A limitação do conhecimento técnico dos pais

Mas o que significa "homeschooling"?

A prática, também conhecida como ensino domiciliar, originou-se nos Estados Unidos e atualmente é uma realidade em vários países. Ainda que seja proibida no Brasil, algumas famílias persistem em educar seus filhos em casa, afastando-os das instituições convencionais.



O homeschooling é questionado devido à falta de benefícios claros para o desenvolvimento infantil e as possíveis consequências negativas futuramente, já que afeta principalmente a formação de um bom pensamento crítico e diverso, limitando o espaço de convivência á somente ao frequentADO PELOS PAISE FAMÍLIA.



Então por que, mesmo após a Pandemia ainda é um assunto tão discutido?

Por outro lado...

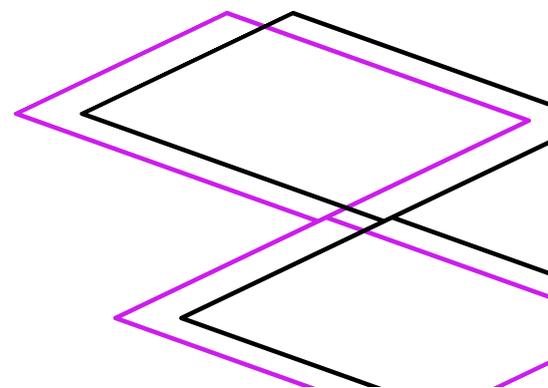
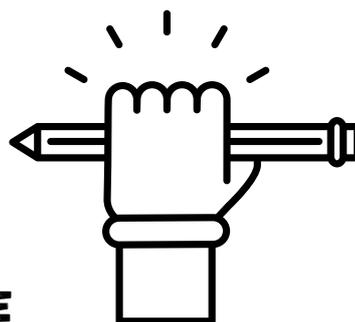
Arthur Fonseca Filho, diretor do Colégio Uirapuru e presidente da Associação Brasileira de Escolas Particulares (Abepar), sustenta uma perspectiva oposta. Ele argumenta que a pandemia efetivamente encerrou o capítulo do homeschooling, uma vez que a escolaridade não pode ser desvinculada da instituição escolar.

A falta de qualidade no ensino tornou-se evidente como algo prejudicial no curto e longo prazo. Além disso, diversos pais relataram dificuldades em educar seus filhos em casa, ressaltando a importância da escola na formação e na vida do indivíduo.



Mesmo após a pandemia, o debate sobre essa prática continua relevante, tendo sido levantado como uma prioridade por parte do antigo governo e parlamentares de orientação conservadora, que defendem o ensino domiciliar como uma alternativa à suposta doutrinação nas escolas, gerando controvérsias em relação a qualidade do sistema educacional público brasileiro.

**A RESISTÊNCIA AINDA
CONTINUA!!
É PRECISO COMBATER
FALÁCIAS E LUTAR POR UM
ENSINO PÚBLICO DE QUALIDADE**



REFERÊNCIAS

AVELINO, W. F.; MENDES, J. G. A realidade da educação brasileira a partir da Covid-19. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, Boa Vista, v. 2, n. 5, p. 56–62, 2020. Disponível em: <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/view/137>. Acesso em: 11 jul. 2023.

COUTO, E. S.; COUTO, E. S.; CRUZ, I. de M. P. #FICAEMCASA: educação na pandemia da Covid-19. **Interfaces Científicas - Educação**, v. 8, n.3, p. 200–217, abr./mai. 2020.

MARTINS, R. X. A Covid-19 e o fim da educação a distância: um ensaio **Em Rede: revista de educação a distância**, Minas Gerais, v.7, n.1, mai./mai. 2020.

ALVES, B. Saúde mental e a pandemia de Covid-19. Biblioteca Virtual da Saúde, [2020]. Disponível em: <https://bvsm.sau.gov.br/saude-mental-e-a-pandemia-de-covid-19/>. Acesso em: 9 abr. 2023.

CARVALHO, R. Por que o Brasil tem a população mais ansiosa do mundo. **BBC News**, São Paulo, 27/02/23. Disponível em: <https://g1.globo.com/saude/noticia/2023/02/27/por-que-o-brasil-tem-a-populacao-mais-ansiosa-do-mundo.ghtml>. Acesso em: 7 mai. 2023.

PANDEMIA de COVID-19 desencadeia aumento de 25% na prevalência de ansiedade e depressão em todo o mundo. Organização Pan-Americana de Saúde, 2022. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/noticias/2-3-2022-pandemia-covid-19-desencadeia-aumento-25-na-prevalencia-ansiedade-e-depressao-em>. Acesso em: 14 mai. 2023.

TENENTE, L. Mais birra, irritabilidade e até depressão: as consequências da falta de aulas presenciais para as crianças. **G1**, São Paulo, 06/02/2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/educacao/volta-as-aulas/noticia/2021/02/06/mais-birra-irritabilidade-e-ate-depressao-as-consequencias-da-falta-de-aulas-presenciais-para-as-criancas.ghtml>. Acesso em: 9 jun. 2023.

UNICEF, Fundo das Nações Unidas para a Infância. Covid-19: Depression and anxiety soared 25 percent in a year. [S.l.], 22 /03/2022. Disponível em: <https://news.un.org/en/story/2022/03/1113162>> Acesso em: 24 mai. 2023.

INTEGRANTES



Beatriz Maria Sena Pedroza



Taylane da Silva Gomes



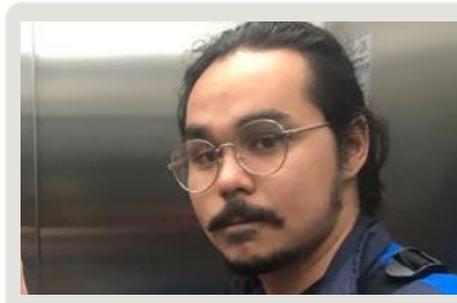
Tayany Mendes Amazonense



Maria Eduarda Corpa Cipolla



Daisy Gonçalves de Andrade



Ricardo Tadashi Sueyosi



Gabriel Hideo Kushiyama Kataoka Lopes